

Convenção sobre Acesso à Informação, Participação no Processo de Tomada de Decisão e Acesso à Justiça em Matéria de Ambiente

UN/ECE, Aarhus, 25 de Junho de 1998

As Partes à presente Convenção

Recordando o princípio 1 da Declaração de Stockholm sobre Ambiente Humano,

Recordando também o princípio 10 da Declaração do Rio sobre Ambiente e Desenvolvimento,

Recordando ainda as Resoluções da Assembleia Geral 37/7 de 28 de Outubro de 1982 sobre a Carta Mundial da Natureza e 45/94 de 14 de Dezembro 1990 sobre a necessidade de assegurar um ambiente saudável para o bem-estar dos indivíduos,

Recordando a Carta Europeia sobre Ambiente e Saúde adoptada na Primeira Conferência Europeia sobre Ambiente e Saúde da Organização Mundial de Saúde que se realizou em Frankfurt-am-Main, Alemanha, em 8 de Dezembro 1989,

Afirmando a necessidade de proteger, preservar e melhorar o estado do ambiente e assegurar um desenvolvimento sustentado e ambientalmente saudável,

Reconhecendo que a protecção adequada do ambiente é essencial para o bem-estar humano e para a satisfação dos direitos básicos do homem, incluindo o direito à vida,

Reconhecendo também que todo o indivíduo tem direito a viver num ambiente adequado à sua saúde e bem-estar, e o dever, quer individual, quer em associação, de proteger e melhorar o ambiente em benefício das gerações actuais e vindouras,

Considerando que para defender este direito e cumprir este dever, os cidadãos devem ter acesso à informação, ter direito a participar no processo de tomada de decisão e ter acesso à justiça em matéria de ambiente, e reconhecendo que a este respeito os cidadãos possam necessitar de ajuda a fim de poder exercer os seus direitos,

Reconhecendo que, em matéria de ambiente, a melhoria do acesso à informação e a participação dos cidadãos no processo de tomada de decisão aumenta a qualidade e a implementação das decisões, contribui para o conhecimento público das questões ambientais, dá oportunidade aos cidadãos de expressar as suas preocupações e permite às autoridades públicas considerar tais preocupações,

Desejando igualmente por este meio a responsabilidade e a transparência no processo de tomada de decisão e o fortalecimento do apoio do público nas decisões sobre ambiente,

Reconhecendo o desejo de transparência em todas as áreas dos departamentos governamentais e convidando os órgãos legislativos a implementar os princípios desta Convenção nos seus procedimentos,

Reconhecendo também que o público necessita de estar ciente dos procedimentos para participação no processo de tomada de decisão em matéria de ambiente, que tem a eles livre acesso e que deve saber como utilizá-los,

Reconhecendo ainda a importância do papel que desempenham os cidadãos individualmente, as organizações não governamentais e o sector privado na protecção do ambiente,

Desejando promover a educação ambiental para um melhor conhecimento do ambiente e do desenvolvimento sustentável e no sentido de encorajar uma maior sensibilização do público e a sua participação na decisões que afectam o ambiente e o desenvolvimento sustentável,

Observando, neste contexto, a importância de utilização dos meios de comunicação e futuras formas de comunicação, electrónicas ou outras,

Reconhecendo a importância das deliberações integradas em matéria de ambiente nos processos governamentais de tomada de decisão e a consequente necessidade das autoridades públicas terem informação correcta, compreensiva e actualizada sobre ambiente,

Reconhecendo que as autoridades públicas detêm informação sobre o ambiente no interesse do público,

Preocupados com o facto de os mecanismos judiciais deverem estar acessíveis ao público, incluindo organizações, para que os seus interesses legítimos sejam protegidos e a lei seja cumprida,

Observando a importância que a produção de informação adequada disponibilizada aos consumidores lhes permite fazer escolhas informadas em matéria de ambiente,

Reconhecendo a preocupação do público acerca da emissão deliberada para o ambiente de organismos geneticamente modificados e a necessidade de uma maior transparência e de uma maior participação do público no processo de tomada de decisão nesta matéria,

Convencidos de que a implementação desta Convenção contribuirá para o fortalecimento da democracia no espaço da Comissão Económica para a Europa das Nações Unidas (CEE),

Conscientes do papel desempenhado nesta matéria pela CEE e relembrando, *inter alia*, as Directrizes de Acesso à Informação Relativa ao Ambiente e à Participação do Público no Processo de Tomada de Decisão aprovadas na Declaração Ministerial adoptada na Terceira Conferência Ministerial “Ambiente para a Europa”, em Sófia, Bulgária, em 23 de Outubro de 1995,

Lembrando as disposições pertinentes da Convenção sobre a Avaliação de Impactes Ambientais num Contexto Transfronteiriço, feita em Espoo, Finlândia, em 25 de Fevereiro de 1991, a Convenção sobre os Efeitos Transfronteiriços dos Acidentes Industriais e a Convenção sobre a Protecção e a Utilização dos Cursos de Água Transfronteiriços e dos Lagos Internacionais, ambas feitas em Helsínquia, em 17 de Março de 1992, e outras convenções regionais,

Conscientes de que a adopção desta Convenção terá contribuído para um maior fortalecimento do processo “Ambiente para a Europa” e para os resultados da Quarta Conferência Ministerial em Aarhus, Dinamarca, em Junho de 1998,

Acordaram no que segue:

Artigo 1º **OBJECTIVOS**

De forma a contribuir para a protecção do direito que qualquer indivíduo, das gerações actuais ou futuras, tem de viver num ambiente adequado à sua saúde e bem-estar, cada Parte garantirá os direitos de acesso à informação, participação do público no processo de tomada de decisão e acesso à justiça em matéria de ambiente de acordo com as disposições desta Convenção.

Artigo 2º **DEFINIÇÕES**

Para efeitos da presente Convenção.

1. O termo “Parte”, designa, salvo indicação em contrário, a parte contratante desta Convenção;

2. Entende-se por “Autoridades Públicas”:

(a) Qualquer administração pública a nível nacional, regional ou qualquer outro;

(b) Pessoas física ou jurídica desempenhando funções ou responsabilidades na administração pública de acordo com a legislação nacional, incluindo tarefas específicas, actividades ou serviços relacionados com o ambiente;

(c) Qualquer outra pessoa física ou jurídica com responsabilidade ou funções na administração pública, ou desempenhando serviços na administração pública, em matéria de ambiente, sob o controlo de um órgão ou pessoa definidos no acima mencionados subparágrafos (a) ou (b);

(d) As instituições de qualquer organização regional de integração económica como definido no artigo 17º que é uma Parte desta Convenção.

Esta definição não inclui os órgãos ou instituições que desempenham funções judiciais ou legislativas;

3. Entende-se por “Informação relativa ao ambiente” qualquer informação disponível sob forma escrita, visual, oral, electrónica ou de qualquer outra forma sobre:

(a) O estados dos elementos do ambiente, tais como o ar e a atmosfera, a água, o solo, a terra, a paisagem e os sítios naturais, a diversidade biológica e as suas componentes, incluindo, genericamente, organismos modificados e a interacção entre estes elementos;

(b) Factores, tais como substâncias, energia, ruído e radiação, e actividades ou medidas, incluindo medidas administrativas, acordos, políticas, legislação, planos e programas em matéria de ambiente que afectem ou possam afectar os elementos do ambiente, na âmbito do acima mencionado no subparágrafo (a), e custo-benefício e outros pressupostos e análises económicos utilizados no processo de tomada de decisão em matéria de ambiente;

(c) O estado da saúde e da segurança do homem, as condições de vida humana, os sítios culturais e estruturas construídas, tanto quanto sejam ou possam ser afectados pelo estado dos

elementos do ambiente ou, através desses elementos, pelos factores, actividades ou medidas acima mencionadas no subparágrafo (b);

4. “Público” define uma ou mais pessoas físicas ou jurídicas e, como definido na legislação ou prática nacionais aplicáveis, as suas associações, organizações ou grupos;

5. “Público interessado” designa o público afectado ou que possa ser afectado, ou que tenha interesse no processo de tomada de decisão; para os fins desta definição, as organizações não governamentais que promovam a protecção do ambiente e preencham quaisquer dos requisitos definidos na legislação nacional aplicável serão consideradas como interessadas.

Artigo 3º **DISPOSIÇÕES GERAIS**

1. As Partes devem tomar as necessárias medidas legislativas, reguladoras e outras para conseguir a compatibilidade entre as disposições, implementando a informação, a participação do público e o acesso à justiça como previsto nesta Convenção, bem como medidas coercivas apropriadas para estabelecer e manter um enquadramento claro, transparente e consistente para implementação das disposições desta Convenção

2. Cada Parte empenhar-se-á em assegurar que os funcionários e as autoridades ajudem e orientem o público na procura do acesso à informação, no facilitar da participação no processo de tomada de decisão e na procura de acesso à justiça em matéria de ambiente.

3. Cada Parte promoverá a educação em matéria de ambiente e a sensibilização do público em matéria de ambiente, em especial no que respeita ao acesso à informação, à participação no processo de tomada de decisão e ao acesso à justiça em matéria de ambiente.

4. Cada Parte proporcionará o reconhecimento apropriado e o apoio às associações, organizações ou grupos que promovam a protecção do ambiente e assegurará que o seu sistema legal nacional seja compatível com estas obrigações.

5. As disposições desta Convenção não afectarão o direito de uma Parte de manter ou introduzir medidas que estabeleçam um acesso mais amplo à informação, uma participação do público no processo de tomada de decisão mais abrangente e um mais amplo acesso à justiça em matéria de ambiente, para além das definidas nesta Convenção.

6. Esta Convenção não exigirá qualquer derrogação dos direitos existentes de acesso à informação, participação do público na tomada de decisão e acesso à justiça em matéria de ambiente.

7. Cada Parte promoverá a aplicação dos princípios desta Convenção nos processos internacionais de tomada de decisão em matéria de ambiente e no quadro das organizações internacionais em matérias relativas ao ambiente.

8. Cada Parte assegurará que as pessoas que exerçam os seus direitos em conformidade com as disposições desta Convenção não serão de forma alguma penalizadas, perseguidas ou importunadas pelo seu envolvimento. Estas disposições não afectam os poderes dos tribunais nacionais para estabelecer custas razoáveis nos procedimentos judiciais.

9. No âmbito das disposições relevantes desta Convenção, o público terá acesso à informação, poderá participar no processo de tomada de decisão e terá acesso à justiça em matéria de ambiente sem discriminação quanto a cidadania, nacionalidade ou domicílio e, em caso de pessoa legal, sem discriminação relativamente à localização da sua sede registada ou ao centro efectivo das suas actividades.

Artigo 4º

ACESSO À INFORMAÇÃO EM MATÉRIA DE AMBIENTE

1. Cada Parte, de acordo com o disposto no parágrafo seguinte deste artigo, assegurará que as autoridades públicas em resposta a solicitação em matéria de informação relativa ao ambiente, porá à disposição do público esta informação, de acordo com a legislação nacional aplicável, incluindo, quando solicitado e nos termos do subparágrafo (b) deste artigo, cópias da documentação actualizada contendo e abrangendo tal informação:

- (a) Sem que tenha de provar ter um interesse na questão;
- (b) Na forma requerida excepto:
 - (i) Se for razoável para a autoridade pública disponibilizar a informação de forma diferente, justificando nesse caso esta forma de disponibilização; ou
 - (ii) Se a informação já estiver sido divulgada de outra forma.

2. A informação em matéria de ambiente no acima referido parágrafo 2 será facultada logo que possível e o mais tardar um mês após o pedido ter sido apresentado, excepto se o volume e a complexidade da informação justificarem um alargamento deste período até dois meses após a solicitação. O interessado será informado de qualquer prolongamento do prazo e das razões que o fundamentam.

3. O pedido de informação em matéria de ambiente pode ser recusado se:

- (a) A autoridade pública a quem foi solicitado não detiver esta informação;
- (b) Se o pedido carecer de razoabilidade ou tiver sido formulado de modo demasiado vago; ou
- (c) Se o pedido envolver matéria inacabada ou comunicações internas de autoridades públicas em que tal isenção está contemplada na legislação nacional aplicável ou na prática habitual, tendo em atenção o interesse do público servido pela divulgação.

4. Um pedido de informação em matéria de ambiente pode ser recusado se a sua divulgação prejudicar:

- (a) A confidencialidade das diligências das autoridades públicas, quando esta confidencialidade se encontre prevista na legislação nacional aplicável;
- (b) Relações internacionais, defesa nacional e segurança pública;
- (c) O curso da justiça, a capacidade de um pessoa ter direito a um julgamento justo ou a capacidade da autoridade pública conduzir uma investigação de natureza criminal ou disciplinar;
- (d) A confidencialidade das informações industriais ou comerciais quando protegidas por lei de forma a proteger um interesse económico legítimo. Neste contexto serão divulgadas as informações sobre emissões que sejam relevantes para a protecção do ambiente;
- (e) Os direitos da propriedade intelectual;
- (f) A confidencialidade de dados e/ou registos pessoais que se refiram a pessoa física quando esta pessoa não tiver autorizado a sua divulgação pública, quando esta confidencialidade estiver prevista na legislação nacional aplicável.
- (g) Os interesses de terceiros que forneceram a informação solicitada sem que estes se possam encontrar ou se encontrem juridicamente obrigados a fazê-lo, e quando estes não permitam a divulgação desta matéria; ou
- (h) O ambiente a que se refere a informação se refira a assuntos tais como áreas de reprodução de espécies raras.

Os fundamentos para recusa acima mencionados serão interpretados de forma restritiva, tendo em consideração o interesse do público servido pela sua divulgação e tendo em consideração se a informação solicitada se relaciona com emissões para o ambiente.

5. Quando uma autoridade pública não possuir a informação solicitada em matéria de ambiente, esta deverá, o mais rapidamente possível, informar o interessado da autoridade pública à qual este possa solicitar a informação desejada ou transferir o pedido para essa autoridade pública e disso informar o interessado.

6. Cada Parte assegurará que se a informação isenta de divulgação, de acordo com o acima mencionado nos parágrafos 3 (c) e 4, puder ser separada sem prejuízo da confidencialidade da informação isenta, as autoridades públicas disponibilizarão ao interessado a informação solicitada em matéria de ambiente.

7. A recusa a um pedido de informação será feita por escrito se o pedido tiver sido feito por escrito ou quando solicitado pelo interessado. O indeferimento deve indicar as razões da recusa e prestar as informações sobre o acesso ao processo de revisão de acordo com o previsto no artigo 9º. O indeferimento será feito o mais rapidamente possível e no prazo máximo de um mês, excepto quando a complexidade da informação justifique o alargamento deste prazo até dois mês após o pedido. O interessado será informado deste alargamento de prazo e das razões que o justificam.

8. Cada Parte pode autorizar as suas autoridades públicas a cobrar o fornecimento de informação, mas o pagamento não pode ser superior a um custo razoável. As autoridades públicas que cobrem pelo fornecimento de informações devem disponibilizar ao interessado uma tabela das taxas que possam vir a ser aplicadas, indicando as circunstâncias em que estes possam ser cobradas ou

isentas, e quando o fornecimento de informação está condicionado ao pagamento adiantado desta taxa.

Artigo 5º **DIFUSÃO E RECOLHA DE INFORMAÇÃO EM MATÉRIA DE AMBIENTE**

1. Cada Parte assegurará que:

(a) As autoridades públicas possuam e actualizem informação em matéria de ambiente que seja relevante para as suas funções;

(b) Sejam definidos sistemas obrigatórios para que exista um escoamento adequado de informação destinado às autoridades públicas relativamente às actividades existentes e propostas que possam afectar significativamente o ambiente;

(c) No caso de uma ameaça eminente para a saúde humana ou para o ambiente, causada por actividades humanas ou causas naturais, toda a informação que possa permitir ao público tomar medidas para prevenir ou mitigar os danos desta ameaça, e é assegurada por uma autoridade pública, e difundida sem demora e imediatamente aos membros do público que possa ser afectado.

2. Cada parte assegurará, de acordo com a legislação nacional, que a forma como as autoridades públicas põem à disposição do público a informação em matéria de ambiente é transparente e que a informação em matéria de ambiente é efectivamente acessível, *inter alia*, ao:

(a) Fornecer ao público informação suficiente relativa ao tipo e âmbito da informação sobre ambiente na posse das autoridades públicas, os termos e as condições em que esta informação é tornada acessível ou posta à disposição, e o processo pelo qual esta pode ser obtida;

(b) Estabelecer e manter disposições práticas, tais como:

(i) Listas, registos ou dados acessíveis ao público;

(ii) Requerendo funcionários que ajudem o público na procura ao acesso à informação, de acordo com as disposições desta Convenção; e

(iii) Identificação dos pontos de contacto.

(c) Assegurando o acesso gratuito à informação em matéria de ambiente contida nas listas, registos ou dados, tal como mencionado no subparágrafo (b) (i);

3. Cada parte assegurará que, progressivamente, a informação em matéria de ambiente esteja disponível em bases de dados que sejam de fácil acesso ao público através das redes de telecomunicações. A informação disponível desta forma deve incluir:

(a) Relatórios acerca do estado do ambiente, como acima referido no parágrafo 4;

(b) Textos de legislação sobre ou acerca de ambiente;

(c) Quando conveniente, políticas, planos e programas sobre ou relativos a ambiente, e acordos em matéria de ambiente; e

(d) Outra informação, até onde o disponibilizar desta informação facilite a aplicação da legislação nacional aplicável na implementação desta Convenção

desde que esta informação já esteja disponível em forma de base de dados.

4. Cada parte, publicará e divulgará, em intervalos regulares que não ultrapassem os quatro anos, um relatório nacional sobre o estado do ambiente, em que inclua informação sobre a qualidade do ambiente e informação sobre as pressões sobre o ambiente.

5. Cada Parte tomará disposição no âmbito da sua legislação com a finalidade de divulgar, *inter alia*:

(a) Legislação e documentos sobre política, tais como documentos sobre estratégias, políticas, programas e planos de acção relativos ao ambiente, e relatórios de progresso acerca da sua implementação, preparados aos vários níveis do governo;

(b) Tratados internacionais, convenções e acordos sobre questões em matéria de ambiente; e

(c) Quando conveniente, outros documentos internacionais sobre questões relativas ao ambiente.

6. Cada Parte encorajará os operadores, cujas actividades têm impactes ambientais significativos, a informar regularmente o público sobre os impactes ambientais das suas actividades e produtos, sempre que conveniente no âmbito dos esquemas de eco-rotulagem e eco-auditoria ou quaisquer outros meios.

7. Cada Parte deverá:

(a) Publicar os factos e respectivas análises que considere relevantes e importantes para enquadrar propostas políticas prioritárias relativas ao ambiente;

b) Publicar ou tornar acessível ao público o material explicativo disponível relativamente a assuntos do âmbito desta Convenção; e

(c) Fornecer de forma apropriada informação sobre o desempenho das funções públicas ou disposições dos serviços públicos em matéria de ambiente emanada pelo governo a todos os níveis.

8. Cada Parte deve desenvolver mecanismos com vista a assegurar que seja posta à disposição do público informação suficiente de forma a permitir os consumidores tomar decisões informadas em matéria de ambiente.

9. Cada parte diligenciará no sentido de estabelecer progressivamente, tendo em consideração, sempre que necessário, os métodos internacionais, um sistema coerente a nível nacional de inventário ou registos de fontes poluidoras, numa base de dados estruturada, computadorizada e de fácil acesso ao público, compilada através de relatórios normalizados. Este sistema pode conter entradas, emissões e transferências de determinado tipo de substâncias e produtos, incluindo água,

energia e utilização de recursos, de actividades específicas para meios ambientais e para estações de tratamento e aterros situadas no local ou no exterior

10. O disposto neste artigo não pode de forma alguma prejudicar o direito das Partes de recusar a divulgação de informação em matéria de ambiente, como disposto no artigo 4º, parágrafos 3 e 4.

Artigo 6º

PARTICIPAÇÃO DO PÚBLICO EM DECISÕES SOBRE ACTIVIDADES ESPECÍFICAS

1. Cada Parte:

(a) Aplicará o disposto neste artigo no que respeita às decisões de autorizar ou não as actividades propostas listadas no Anexo I;

(b) Aplicará também o disposto neste artigo, de acordo com a legislação nacional aplicável, às actividades propostas que não se encontrem listadas no Anexo I que possam ter impactes significativos no ambiente. Com este objectivo as Partes determinarão se tal actividade proposta está sujeita a estas disposições; e

(c) Pode decidir, caso a caso, de acordo com a legislação nacional aplicável, não aplicar o disposto neste artigo a actividades com interesse na defesa nacional, se esta Parte considerar que esta aplicação tem um impacte negativo para estes fins.

2. O público interessado será informado quer através de notícia pública ou individualmente, conforme for mais conveniente, no início do processo de tomada de decisão, e de forma efectiva, atempada e adequada, *inter alia*, sobre:

- (a) A actividade proposta e o pedido para o qual será tomada a decisão;
- (b) A natureza das decisões possíveis ou a decisão preliminar;
- (c) A autoridade pública responsável pela tomada de decisão;
- (d) O procedimento previsto, incluindo, como e quando esta informação pode ser fornecida:
 - (i) O início do processo;
 - (ii) As oportunidades de participação do público;
 - (iii) O prazo de qualquer consulta pública prevista;
 - (iv) Indicação da autoridade pública que pode fornecer informação relevante e onde se encontra a informação para consulta do público;
 - (v) Indicação da autoridade pública competente ou qualquer outro organismo público ao qual possam ser submetidos as perguntas ou comentários e o prazo de envio das perguntas ou comentários; e

(vi) Indicação sobre que informação relevante em matéria de ambiente para a actividade proposta se encontra disponível; e

(e) O facto da actividade estar sujeita a um processo de impacte ambiental a nível nacional ou transfronteiriço.

3. Os processos de participação do público devem incluir prazos razoáveis para as diferentes fases, de forma a permitir haver tempo suficiente para informar o público, de acordo com o disposto no parágrafo 2, e para o público se preparar e participar efectivamente durante a tomada de decisão em matéria de ambiente.

4. Cada Parte providenciará a participação prévia do público, quando todas as opções estiverem em aberto e a participação do público possa ter lugar.

5. Cada Parte, quando apropriado, encorajará os futuros requerentes a identificar o público envolvido, a participar nas discussões, e a fornecer informação relativa aos objectivos do seu pedido antes de obter uma licença.

6. Cada Parte solicitará às autoridades públicas competentes que autorizem o acesso do público interessado à consulta, quando solicitada nos termos da legislação nacional aplicável, de forma gratuita e logo que esteja disponível, de toda a informação relevante no processo de tomada de decisão mencionado neste artigo, que esteja disponível aquando do processo de participação do público, sem prejuízo do direito das Partes de recusar divulgar determinada informação, de acordo com o disposto no artigo 4º, parágrafos 3 e 4. A informação relevante deve incluir, no mínimo, e sem prejuízo do disposto no artigo 4º:

(a) Descrição da localização e das características físicas e técnicas da actividade proposta, incluindo uma estimativa das emissões e resíduos previstos;

(b) Descrição dos impactes significativos sobre o ambiente da actividade proposta;

(c) Descrição das medidas previstas para evitar e/ou reduzir os impactes, incluindo emissões;

(d) Um resumo não técnico do acima mencionado;

(e) Um esboço das principais alternativas estudadas pelo requerente; e

(f) De acordo com a legislação nacional aplicável, os principais pareceres e relatórios enviados à autoridade pública quando o público interessado for informado, de acordo com o acima disposto no parágrafo 2.

7. Os procedimentos de participação do público devem permitir o público, durante o inquérito público ou audiência com o requerente, apresentar, por escrito ou, como for conveniente, quaisquer comentários, informação, análises ou opiniões que este considere relevante para a actividade proposta.

8. Cada Parte assegurará que, aquando da tomada de decisão, será tomada em devida conta o resultado da participação do público.

9. Cada Parte assegurará que, aquando da tomada a decisão pela autoridade pública, o público seja prontamente informado de acordo com os processos adequados. Cada Parte tornará acessível ao público o texto das decisões bem como das razões e considerações em que a decisão se baseou.

10. Cada Parte assegurará que quando uma autoridade pública reconsiderar ou actualizar as condições de funcionamento de uma actividade mencionada no parágrafo 1, sejam aplicadas, *mutatis mutandis*, e se forem apropriadas, as disposições dos parágrafos 2 a 9 deste artigo.

11. Cada parte, de acordo com a legislação nacional, aplicará dentro do apropriado e do exequível, as disposições deste artigo às decisões de quando autorizar a emissão deliberada para o ambiente de organismos geneticamente modificados.

Artigo 7º

PARTICIPAÇÃO DO PÚBLICO RELATIVAMENTE A PLANOS, PROGRAMAS E POLÍTICAS EM MATÉRIA DE AMBIENTE

Cada Parte tomará as medidas práticas adequadas ou outras para que o público participe, de forma transparente e justa, na preparação de planos e programas relativos ao ambiente, divulgando ao público a informação necessária. Neste âmbito aplica-se o disposto no artigo 6º, parágrafos 3, 4 e 8. O público que pode participar será identificado pela autoridade pública competente, tendo em consideração os objectivos desta Convenção. Cada Parte diligenciará para que, na medida do possível, seja dada oportunidade à participação do público na preparação de políticas em matéria de ambiente.

Artigo 8º

PARTICIPAÇÃO DO PÚBLICO NA PREPARAÇÃO DE REGULAMENTOS E/OU INSTRUMENTOS NORMATIVOS LEGALMENTE VINCULATIVOS APLICÁVEIS NA GENERALIDADE

Cada Parte empenhar-se-á em promover atempadamente a participação efectiva do público, e enquanto as opções ainda estiverem em aberto, durante a preparação pelas autoridades públicas de regulamentos e outros instrumentos normativos legalmente vinculativos aplicáveis na generalidade que possam ter impactes significativos no ambiente. Com esta finalidade, devem ser tomadas as seguinte medidas:

- (a) Serem fixados prazos suficientes para uma participação efectiva;
- (b) Devem ser publicadas propostas de lei ou então serem tornadas públicas; e
- (c) Deve ser dada oportunidade ao público de comentar, directamente ou através de órgãos consultivos representativos.

O resultado da participação do público será tido em consideração, dentro do possível.

Artigo 9º **ACESSO À JUSTIÇA**

1. Cada Parte assegurará, de acordo com a legislação nacional aplicável, que qualquer pessoa que considere que, de acordo com o disposto no artigo 4º, o seu pedido de informação foi ignorado, indevidamente recusado, em parte ou na totalidade, respondido de forma inadequada, ou de qualquer forma não tratado de acordo com o disposto naquele artigo, tenha acesso à revisão de processo através de um tribunal ou outro órgão independente imparcial estabelecido por lei.

Quando uma Parte promover esta revisão através de um tribunal, assegurará que esta pessoa tenha também acesso a um processo expedito estabelecido na lei, que este seja gratuito ou pouco dispendioso para reexame pela autoridade pública ou revisão por um órgão imparcial e independente outro que não seja o tribunal.

As decisões finais ao abrigo deste parágrafo serão vinculativas para a autoridade pública que detém a informação. Quando o acesso à informação for recusado, de acordo com o disposto neste parágrafo, as razões deverão ser apresentadas por escrito.

2. Cada Parte, de acordo com o disposto na legislação nacional aplicável, assegurará que os membros do público interessado

(a) que tenham um interesse legítimo

ou, alternativamente,

(b) que mantenham a violação de um direito, quando a lei de procedimento administrativo de uma Parte o requeira como pré-condição,

tenha acesso à revisão do processo através de um tribunal e/ou de qualquer órgão imparcial e independente estabelecido por lei, para questionar a legalidade processual e substantiva de qualquer decisão, acto ou omissão sujeito às disposições do artigo 6º e, quando previsto na legislação nacional aplicável e, sem prejuízo do a seguir disposto no parágrafo 3, de outras disposições pertinentes desta Convenção.

O que constitui um interesse legítimo e uma violação de um direito será definido de acordo com o previsto na legislação nacional aplicável e de modo compatível com o objectivo de dar ao público interessado um amplo acesso à justiça de acordo com o âmbito desta Convenção. Com este fim, o interesse de qualquer organização não-governamental que satisfaça as condições previstas no artigo 2º, parágrafo 5, será considerado suficiente para o acima disposto no subparágrafo (a). Também será considerado que estas organizações têm direitos capazes de serem violados para os fins do acima disposto no subparágrafo (b).

O disposto neste parágrafo 2 não excluirá a possibilidade de um processo de revisão preliminar feito por uma autoridade administrativa e não afectará o requisito de exaustão dos processos de revisão administrativos antes do recurso a processos de revisão judiciais, sempre que este requisito exista na legislação nacional aplicável.

3. Para além de que, e sem prejuízo dos processos de revisão acima mencionados nos parágrafos 1 e 2, cada Parte assegurará que quando definirem os critérios, quaisquer que sejam, previstos na sua legislação nacional, os membros do público terão acesso aos processos

administrativos ou judiciais para questionar actos ou omissões de privados ou de autoridades públicas que infrinjam o disposto na legislação nacional aplicável em matéria de ambiente.

4. Para além de que, e sem prejuízo do acima disposto no parágrafo 1, os procedimentos acima referidos nos parágrafos 1, 2 e 3 providenciarão soluções adequadas e efectivas, incluindo a reparação imperativa apropriada, e que sejam justas, equitativas, atempadas e não proibitivamente dispendiosas. As decisões tomadas ao abrigo deste artigo serão dadas ou registadas por escrito. As decisões dos tribunais e, sempre que possível de outros órgãos, estarão acessíveis ao público.

5. Cada Parte assegurará, de forma a promover a efectividade das disposições deste artigo, que seja divulgado ao público a informação referente ao acesso aos processos de revisão administrativa e judicial e terá em consideração o estabelecimento de mecanismos de assistência apropriados para remover ou reduzir entraves financeiros e outros de acesso à justiça.

Artigo 10º **REUNIÃO DAS PARTES**

1. A primeira reunião das Partes deverá ser convocada nunca mais que um ano após a data de entrada em vigor desta Convenção. Seguidamente, as reuniões ordinárias das Partes serão realizadas pelo menos uma vez todos os dois anos, excepto quando decidido em contrário pelas Partes, ou a pedido escrito por qualquer das Partes, desde que, no prazo de seis meses após a comunicação a todas as Partes pelo Secretário Executivo da Comissão Económica para a Europa, o referido pedido seja apoiado por, pelo menos, um terço das Partes.

2. Aquando das reuniões, as Partes deverão rever continuamente a implementação desta Convenção e, tendo esse objectivo presente, deverão:

(a) Rever as políticas e suas abordagens legais e metodológicas sobre o acesso à informação, a participação do público na tomada de decisão e acesso à justiça em matéria de ambiente, tendo como objectivos a sua melhoria;

(b) Trocar informações acerca da experiência adquirida na conclusão e implementação dos acordos bilaterais e multilaterais ou acerca de outras medidas relevantes aos objectivos da Convenção e às quais uma ou várias são Partes;

(c) Solicitar, se necessário, os serviços dos órgãos competentes da CEE bem como de outros órgãos internacionais ou de comités específicos em todas as questões pertinentes para realização dos objectivos desta Convenção;

(d) Estabelecer outros órgãos subsidiários quando considerem necessário;

(e) Preparar, quando apropriado, protocolos a esta Convenção;

(f) Considerar e adoptar propostas de emendas a esta Convenção, de acordo com o previsto no artigo 14º;

(g) Considerar e empreender qualquer acção adicional que possa ser necessária para o cumprimento dos objectivos desta Convenção;

(h) Na sua primeira reunião, considerar e, por consenso, adoptar regras de procedimento para as suas reuniões e para as reuniões dos órgãos subsidiários;

(i) Na sua primeira reunião, rever a sua experiência na implementação das medidas previstas no artigo 5º, parágrafo 9, e considerar as acções necessárias a um maior desenvolvimento do sistema referido no mencionado parágrafo, tendo em consideração os processos e desenvolvimentos internacionais, incluindo a elaboração de um instrumento apropriado relativamente à emissão de poluição e transferir registos ou inventários que possam ser anexados a esta Convenção.

3. A Reunião das partes pode, numa base consensual, considerar, quando necessário, o estabelecimento de disposições financeiras.

4. As Nações Unidas, as suas agência especializadas e a Agência Internacional para a Energia Atómica, bem como qualquer Estado ou organização regional de integração económica definido no artigo 17º como podendo assinar esta Convenção, mas que não seja Parte desta Convenção, e qualquer organização intergovernamental qualificada na área desta Convenção, pode ser aceite a participar como observador nas reuniões das Partes.

5. Qualquer organização não-governamental qualificada na área desta Convenção, que tenha informado o Secretariado Executivo da Comissão Económica para a Europa do seu desejo de ser representado na reunião das Partes pode ser aceite a participar como observador a não ser que pelo menos um terço das Partes presentes na reunião o desaprove.

6. Para cumprimento dos anteriores parágrafos 4 e 5, as regras de procedimento referidas no parágrafo 2 (h) supramencionado, providenciarão as disposições práticas para o processo de admissão e outras matérias relevantes.

Artigo 11º **DIREITO DE VOTO**

1. Excepto para o caso contemplado no parágrafo 2, qualquer Parte desta Convenção terá direito a um voto.

2. As organizações de integração económica regional, de acordo com a sua competência, exercerão o seu direito de voto com um número de votos igual ao número dos seus Estados membros que sejam Partes desta Convenção. Estas organizações não exercerão o seu direito de voto caso os seus Estados membros exerçam o deles e vice-versa.

Artigo 12º **SECRETARIADO**

O Secretário Executivo da Comissão Económica para a Europa exercerá as seguintes funções:

(a) Convocar e preparar as reuniões das Partes;

(b) Transmitir às Partes relatórios e outra informação recebida de acordo com o previsto nesta Convenção; e

(c) Ocupar-se das outras funções que as Partes possam atribuir-lhe.

Artigo 13º **ANEXOS**

Os anexos a esta Convenção são parte integrante desta Convenção.

Artigo 14º **EMENDAS À CONVENÇÃO**

1. Toda e qualquer Parte pode propor emendas a esta Convenção.

2. O texto de qualquer proposta de emenda para esta Convenção deverá ser apresentado, por escrito, ao Secretário Executivo da Comissão Económica para a Europa, que o comunica a todas as Partes, pelo menos, noventa dias antes da reunião em que será proposta para adopção.

3. As Partes esforçar-se-ão por conseguir por consenso acordos sobre qualquer emenda proposta a esta Convenção. Se após todos os esforços para consenso não chegarem a acordo a emenda será, em último recurso, aceite por uma maioria de três quartos de votos das Partes presentes e votantes na reunião.

4. As emendas a esta Convenção, adoptadas de acordo com o parágrafo 3 supramencionado, serão comunicadas pelo Depositário a todas as Partes para ratificação, aprovação ou aceitação. As emendas a esta convenção, excepto as dos anexos, entrarão em vigor para as Partes que as ratificaram, aprovaram ou aceitaram, no nono dias após a recepção pelo Depositário da notificação da sua ratificação, aprovação ou aceitação por, pelo menos, três quartos das Partes. As emendas entrarão em vigor para qualquer outra Parte no nono dia após a Parte depositar o seu instrumento de ratificação, aprovação ou aceitação das emendas.

5. Qualquer Parte que não possa aceitar uma emenda a um anexo a esta Convenção deverá então notificar o Depositário por escrito, num espaço de doze meses após a data da comunicação de adopção. O Depositário notificará, sem demora, todas as Partes da notificação recebida. Uma Parte pode em qualquer altura substituir uma aceitação por uma declaração prévia e, após depósito de um instrumento de aceitação ao Depositário, as emendas ao anexo entrarão em vigor para essa Parte.

6. Seis meses após a data da comunicação pelo Depositário, como mencionado acima no parágrafo 4, o anexo tornar-se-á efectivo para as Partes que não tenham submetido uma notificação ao Depositário, de acordo com as disposições do parágrafo 4 deste artigo, desde que não mais que um terço das Partes tenham submetido tal notificação.

7. Para a finalidade deste artigo “Partes presentes e votantes” significa Partes presentes e com direito a voto afirmativo ou negativo.

Artigo 15º
REVISÃO DE CONCORDÂNCIA

A reunião das Partes definirá, numa base consensual, medidas opcionais de natureza não confrontativa, não judicial e consultiva para revisão de concordância das disposições desta Convenção. Estas medidas permitirão uma participação pública apropriada e podem incluir a opção de se admitirem comunicações de membros do público em matérias relacionadas com esta Convenção.

Artigo 16º
RESOLUÇÃO DE CONFLITOS

1. Em caso de conflito entre duas ou mais Partes no que respeita à interpretação ou à aplicação desta Convenção, estas deverão procurar uma solução através da negociação ou por qualquer outro meio aceitável para as partes em disputa.

2. Quando assinarem, ratificarem, aceitarem, aprovarem ou confirmarem esta Convenção, ou mais tarde, em qualquer outra altura depois disso, uma Parte pode declarar por escrito ao Depositário que, para um conflito não resolvido de acordo com o descrito no parágrafo 1, aceita obrigatoriamente, uma ou ambas das seguintes medidas para resolução do conflito em relação a qualquer outra Parte que aceite a mesma obrigação:

- (a) Submissão do conflito ao Tribunal Internacional de Justiça;
- (b) Arbitragem de acordo com o estabelecido no Anexo II.

3. Se as Partes envolvidas tiverem aceite ambas as medidas de resolução de conflitos acima referidas no parágrafo 2, o conflito só poderá ser submetido ao Tribunal Internacional de Justiça, excepto se as Partes decidirem de outra forma.

Artigo 17º
ASSINATURA

Esta Convenção será aberta para assinatura em Aarhus (Dinamarca), em 25 de Junho de 1998 e, posteriormente, na sede das Nações Unidas, em Nova Iorque, até 21 de Dezembro de 1998 para os Estados membros da Comissão Económica para a Europa bem como para os Estados que tenham estatuto de consultores da Comissão Económica para a Europa de acordo com os parágrafos 8 e 11 da Resolução do Conselho Económico e Social 36 (IV), de 28 de Março de 1947, e pelas organizações regionais de integração económica constituídas pelos Estados soberanos membros da Comissão Económica para a Europa que lhe transferiram competência para os assuntos de que trata a presente Convenção, além da competência para concluir tratados sobre essas matérias.

Artigo 18º
DEPOSITÁRIO

O Secretário-Geral das Nações Unidas será o Depositário desta Convenção.

Artigo 19º
RATIFICAÇÃO, ACEITAÇÃO, APROVAÇÃO E ADESÃO

1. A presente Convenção estará sujeita a ratificação, aceitação ou aprovação pelos Estados signatários e organizações regionais de integração económica.
2. A presente Convenção estará aberta à adesão dos Estados e Organizações regionais de integração económica referidos no artigo 17º, a partir de 22 de Dezembro de 1998.
3. Qualquer outro Estado não referido no parágrafo 2 acima mencionado, que seja Membro das Nações Unidas, pode aderir a esta Convenção após reunião de aprovação das Partes.
4. Qualquer organização referida no artigo 17º que se torne uma Parte desta Convenção sem ter nenhum dos seus Estados membros como Parte será abrangida por todas as obrigações desta Convenção. No caso de nestas organizações existir um ou mais Estados membros que Partes da Convenção, a organização e os seus Estados membros decidirão quais as suas responsabilidades para o cumprimento das obrigações desta Convenção. Nestes casos, a organização e os Estados membros não exercerão direitos concorrentes no âmbito desta Convenção.
5. Nos seus instrumentos de ratificação, de aceitação, de aprovação ou de adesão, as organizações de integração económica regional, referidas no artigo 17º, deverão declarar a extensão da sua competência para os assuntos contemplados nesta Convenção. Estas organizações informarão também o Depositário de qualquer modificação importante respeitante ao âmbito das suas competências.

Artigo 20º
ENTRADA EM VIGOR

1. Esta Convenção entrará em vigor no nonagésimo dia após a data do depósito do décimo sexto instrumento de ratificação, aceitação, aprovação de adesão.
2. Para cumprimento do parágrafo 1 acima mencionado, qualquer instrumento depositado por uma organização de integração económica regional não será tido como adicional aos depositados pelos Estados membros dessa organização.
3. Para cada Estado ou organização referidos no artigo 17º que ratifique, aceite ou aprove a presente Convenção ou a ela adira após o depósito do décimo sexto instrumento de ratificação, aceitação, aprovação ou adesão, a Convenção entrará em vigor no nonagésimo dia após a data do depósito, por esse Estado ou organização, do instrumento de ratificação, aceitação, aprovação ou adesão.

Artigo 21°
RECESSO

Em qualquer altura, após três anos da data de entrada em vigor desta Convenção em relação a uma Parte, esta mesma Parte poderá praticar o recesso da Convenção através da entrega de notificação escrita dirigida ao Depositário. O recesso será efectivo no nonagésimo dia após a recepção da notificação pelo Depositário.

Artigo 22°
TEXTOS AUTÊNTICOS

Os textos originais da presente Convenção em inglês, francês e russo são igualmente autênticos, e serão depositado junto do Secretário-Geral das Nações Unidas.

Na presunção de que os abaixo assinados, devidamente autorizados para este efeito, assinaram esta Convenção.

Feita em Aarhus (Dinamarca), em vinte e cinco de Junho de mil novecentos e noventa e oito.

ANEXO I

LISTA DAS ACTIVIDADES MENCIONADAS NO ARTIGO 6°, PARÁGRAFO 1(a)

1. Sector Energético

- Refinarias de gás e petróleo mineral;
- Instalações de gaseificação e de liquefacção;
- Centrais térmicas e outras instalações de combustão com uma potência calorífica de pelo menos 50 megawats;
- Fornos a carvão;
- Centrais nucleares e outros reactores nucleares, incluindo o desmantelamento ou a desactivação destas centrais ou dos reactores 1/ (excluindo as instalações de investigação para a produção e transformação de matérias cindíveis ou férteis cuja potência máxima não ultrapasse 1 kW de carga térmica contínua);
- Instalações de reprocessamento de combustíveis nucleares irradiados
- Instalações destinadas:
 - À produção ou enriquecimento de combustível nuclear;
 - Ao processamento de combustível nuclear irradiado ou resíduos altamente radioactivos;
 - À eliminação final de combustível nuclear irradiado;
 - Exclusivamente à eliminação final de resíduos radioactivos;
 - Exclusivamente à armazenagem (planeada para mais de 10 anos) de combustíveis nucleares irradiados ou resíduos radioactivos num local que não seja o local da produção.

2. Produção e transformação de metais

- Instalações de calcinação ou sinterização de minérios metálicos (incluindo minério sob a forma de sulfureto);
- Instalações de produção de gusa ou aço (fusão primária ou secundária) incluindo fundição contínua, com uma capacidade que exceda as 2,5 ton por hora;
- Instalações para processamento de metais ferrosos:
 - (i) Laminagem a quente com uma capacidade que ultrapasse 20 toneladas de aço bruto por hora
 - (ii) Forjamento a martelo cuja energia ultrapasse 50 kilo joules por martelo, com uma potência calorífica superior a 20 MW;
 - (iii) Aplicação de revestimentos protectores em metal fundido com uma admissão que ultrapasse as 2 ton de aço bruto por hora;
- Fundições de metais ferrosos com uma capacidade de produção superior 20 ton por dia;
- Instalações:
 - (i) Para a produção de metais brutos não-ferrosos, a partir de minérios, de concentrados ou de matérias-primas secundárias por processos metalúrgicos, químicos ou electrolíticos;
 - (ii) Para fusão, incluindo ligas de metais não-ferrosos, incluindo produtos de recuperação (afinação, moldagem em fundição, etc.) com uma capacidade de fusão superior a 4 ton por dia para chumbo e cádmio ou 20 ton por dia para todos os outros metais;
- Instalações para tratamentos de superfície de metais e matérias plásticas que utilizem um processo químico ou electrolítico cujo volume das tinas para tratamento seja superior a 30m³.

3. Indústria Mineral

- Instalações para fabrico de escória de cimento em fornos rotativos com uma capacidade de produção superior a 500 ton por dia, ou para cal em fornos rotativos com uma capacidade de produção superior a 50 ton por dia, ou em outras fornalhas com uma capacidade de produção superior a 50 ton por dia;
- Instalações para a produção de asbestos e de fabrico de produtos à base de asbestos;
- Instalações para produção de vidro incluindo as destinadas à produção de fibra de vidro, com uma capacidade de fusão superior a 20 ton por dia;
- Instalações para a fusão de matérias minerais incluindo a produção de fibras minerais com uma capacidade de fusão superior a 20 ton por dia;
- Fabrico de produtos cerâmicos por cozedura, nomeadamente, telhas, tijolos, tijolos refractários, ladrilhos, produtos de grés ou porcelana, com uma capacidade de produção superior a 75 ton por dia, e/ou uma capacidade de cozedura em forno superior a 4m³ e uma densidade por forno superior 300kg/m².

4. Indústria química: fabrico no âmbito das categorias de actividades definidas neste parágrafo, significa o fabrico de uma substância à escala industrial através da utilização de processos químicos de substâncias ou grupos de substâncias listadas nos parágrafos (a) a (g):

- (a) Instalações químicas para a produção de produtos químicos orgânicos de base, tais como:

- (i) Hidrocarbonetos simples (lineares ou cíclicos, saturados ou insaturados, alifáticos ou aromáticos);
 - (ii) Hidrocarbonetos que contêm oxigénio tais como álcoois, aldeídos, acetonas, ácidos carboxílicos, ésteres, acetatos, éteres, peróxidos, resinas epóxi;
 - (iii) Hidrocarbonetos sulfurosos;
 - (iv) Hidrocarbonetos azotados tais como aminas, amidas, compostos de azoto, nitrocompostos ou nitrato compostos, nitrilos, cianatos, isocianatos;
 - (v) Hidrocarbonetos que contenham fósforo;
 - (vi) Hidrocarbonetos halogenados;
 - (vii) Compostos organometálicos;
 - (viii) Materiais plásticos de base (polímeros, fibras sintéticas e fibras à base de celulose);
 - (ix) Borrachas sintéticas;
 - (x) Corantes e pigmentos;
 - (xi) Agentes tensoactivos e agentes de superfície;
- (b) Instalações químicas para a produção de produtos químicos inorgânicos de base, tais como:
- (i) Gases, tais como amónia, cloro ou ácido clorídrico, flúor ou ácido fluorídrico, óxidos de carbono, compostos de enxofre, óxidos de azoto, hidrogénio, dióxidos de enxofre, cloreto de carbono;
 - (ii) Ácidos, tais como ácido crómico, ácido hidrofúorídrico, ácido fosfórico, ácido nítrico, ácido hidrocloreto, ácido sulfúrico, oleum, ácidos sulfurosos;
 - (iii) Bases, tais como hidróxido de amónia, hidróxido de potássio, hidróxido de sódio;
 - (iv) Sais, tais como cloreto de amónio, cloreto de potássio, carbonato de potássio, carbonato de sódio, perborato, nitrato de prata;
 - (v) Não-metais, óxidos metálicos ou outros compostos inorgânicos tais como carboneto de cálcio, sílica, carboneto de silício;
- (c) Instalações químicas para a produção de adubos à base de fósforo, azoto, ou potássio (adubos simples ou compostos);
- (d) Instalações químicas para a produção de produtos fitofarmacêuticos de base e biocidas;
- (e) Instalações que utilizam processos químicos ou biológicos para a produção de produtos farmacêuticos de base;
- (f) Instalações químicas para a produção de explosivos;
- (g) Instalações químicas nas quais o processamento químico ou biológico é utilizado para a produção de aditivos com proteínas, fermentos ou outras substâncias proteicas.

5. Gestão de resíduos

- Instalações para incineração, recuperação, tratamento químico ou aterro de resíduos perigosos;
- Instalações para incineração de lixo municipal com capacidade superior a 3 ton por hora;

- Instalações para eliminação de resíduos não perigosos com uma capacidade superior a 50 ton por dia;
 - Aterros que recebam mais de 10 ton por dia ou com uma capacidade total superior a 25.000 ton, com exceção para os aterros de resíduos inertes.
6. Estações de tratamento de águas residuais com capacidade de população equivalente superior a 150.000.
7. Instalações industriais para:
- (a) Fabrico de pasta de papel a partir de madeira ou outras substâncias fibrosas similares;
 - (b) Fabrico de papel e cartão com uma capacidade de produção superior a 20 ton por dia.
8. (a) Construção de vias para tráfego ferroviário de longo curso e de aeroportos 2/ cuja pista de base tenha um comprimento de pelo menos 2.100 m;
- (b) Construção de auto-estradas e vias rápidas; 3/
- (c) Construção de uma nova estrada de quatro ou mais faixas de rodagem, ou rectificação e/ou alargamento de estrada já existente com duas ou menos faixas para quatro ou mais faixas, quando esta nova estrada, ou esse segmento de estrada rectificado e/ou alargado tiverem pelo menos 10 km de troço contínuo.
9. (a) Vias de navegação interiores e portos de navegação interior que permitam o acesso de embarcações de tonelagem superior a 1.350 ton.;
- (b) Portos comerciais, cais para carga e descarga com ligação a terra e a portos exteriores (excluindo os cais para barcos de passageiros) que possam receber navios de mais de 1.350 ton;
10. Sistemas de captação de águas subterrâneas ou de recarga artificial dos lençóis freáticos em que o volume anual de água captado ou de recarga seja equivalente ou superior a 10 milhões de metros cúbicos.
11. (a) Obras para transferência de recursos hídricos entre bacias hidrográficas sempre que esta transferência se destine a prevenir possíveis carências de água e em que o volume de água transferido seja superior a 100 milhões de metros cúbicos/ano;
- (b) Todos os outros casos de obras para transferência de recursos hídricos entre bacias hidrográficas em que o caudal médio plurianual na bacia de captação seja superior a 2.000 milhões de metros cúbicos/ano e o volume de água transferida exceda 5% deste caudal.
- Estão excluídas em qualquer dos casos as transferências de água potável canalizada.
12. Extração de petróleo e de gás natural, para fins comerciais, quando a quantidade extraída seja superior a 500 ton/dia para o caso do petróleo e 500.000 metros cúbicos/dia para o caso do gás.

13. Barragens e outras instalações concebidas para a retenção ou armazenamento permanente de água, em que um novo volume ou um volume adicional de água retida ou armazenada seja superior a 10 milhões de metros cúbicos.

14. Conduitas para transporte de gás, petróleo ou de produtos químicos, de um diâmetro superior a 800 mm e de comprimento superior a 40 km.

15. Instalações para criação intensiva de aves de capoeira ou suínos para :

- (a) 40000 lugares para aves;
- (b) 2000 lugares para porcos de engorda (acima de 30kg); ou
- (c) 750 lugares para porcas reprodutoras.

16. Pedreiras e minas a céu aberto numa área superior a 25 hectares, ou extracção de turfa numa área superior a 150 hectares.

17. Construção de linhas aéreas de transporte de electricidade com uma tensão igual ou superior a 220 KV e cujo comprimento seja superior a 15 km.

18. Instalações de armazenagem de petróleo, de produtos petroquímicos ou químicos com uma capacidade de pelo menos 200.000 ton.

19. Outras actividades:

- Instalações para pré-tratamento (operações de lavagem, branqueamento, mercerização) ou tintagem de fibras ou têxteis com uma capacidade de tratamento superior a 10 ton por dia;
- Instalações para o curtimento de couros e peles com uma capacidade de tratamento superior a 12 ton de produto acabado por dia
 - (a) Matadouros com uma capacidade de processamento de carcaças superior a 50 ton dias
 - (b) Tratamento e processamento destinados à produção de produtos alimentares de:
 - (i) Matérias-primas de origem animal (para além do leite) com uma capacidade de produção de produto acabado superior a 75 ton por dia;
 - (ii) Matérias-primas de origem vegetal com uma capacidade de produção de produto acabado superior a 300 ton por dia (valor da média numa base trimestral);
 - (c) Tratamento e processamento de leite, sendo as quantidades de leite recebidas superiores a 200 ton dia (valor médio numa base anual);
- Instalação para eliminação ou reciclagem de carcaças de animais e resíduos animais com uma capacidade de tratamento superior a 10 ton dia;
- Instalações para tratamento de superfície de substâncias, objectos ou produtos, que utilizam solventes orgânicos, em particular, para vestuário, tipografia, tinturaria, revestimento, desengorduramento, à prova de água, calibragem, pintura, limpeza ou impermeabilização com uma capacidade de consumo superior a 150 kg por hora ou mais do que 200 ton por ano;
- Instalações para a produção de carbono (carvão de combustão lenta) ou electrografite através de incineração ou grafitização.

20. Qualquer actividade não incluída nos parágrafos 1-19 em que seja necessária a participação do público num processo de avaliação de impacte ambiental de acordo com a legislação nacional.

21. O disposto no artigo 6º, parágrafo 1(a) não se aplica a nenhum dos projectos acima mencionados que se destinem exclusiva ou essencialmente a investigar, desenvolver ou ensaiar novos métodos ou produtos e que não sejam utilizados durante mais de dois anos excepto se passíveis de causar impactes negativos importantes no ambiente ou na saúde.

22. Qualquer outra alteração ou ampliação de actividades, cuja alteração ou ampliação, por si, esteja incluída nos critérios/princípios definidos neste anexo, fica sujeita ao definido no artigo 6º, parágrafo 1 (a). Qualquer outra alteração ou ampliação de actividade fica sujeita ao definido no artigo 6º, parágrafo 1 (b).

Notas:

1/ As centrais nucleares e outros reactores nucleares deixam de ser considerados instalações deste tipo se todo o combustível nuclear ou outros elementos radioactivamente contaminados forem removidos definitivamente do local de instalação.

2/ Para efeitos desta Convenção, entende-se por “aeroporto” um aeroporto que corresponda à definição da Convenção de Chicago de 1944 relativa à criação da Organização da Aviação Internacional (Anexo 14).

3/ Para efeitos desta Convenção, entende-se por “via rápida” uma estrada que corresponde à definição do Acordo Europeu sobre as Grandes Vias de Tráfego Internacional de 15 de Novembro de 1975.

ANEXO II

ARBITRAGEM

1. No caso de haver um diferendo submetido à arbitragem nos termos do artigo 16º, parágrafo 2 da presente Convenção, uma Parte (ou as Partes) deverá(ão) notificar o Secretariado sobre o objecto da arbitragem e indicar, em particular, os artigos da desta Convenção cuja interpretação está em causa. O Secretariado transmite as informações recebidas a todas as Partes à Presente Convenção.
2. O tribunal arbitral será composto por três membros. A Parte ou as Partes requerente(s) e a outra ou outras Partes no diferendo nomearão um árbitro e os dois árbitros assim nomeados indicarão de comum acordo o terceiro árbitro que será o presidente do tribunal arbitral. Este último não deverá ser cidadão de nenhuma das Partes no diferendo, nem ter o seu local de trabalho ou residência no território de uma destas Partes, nem estar ao serviço de nenhuma delas, nem ter-se já ocupado do assunto numa qualquer outra situação.
3. Se, durante o prazo de dois meses que seguem a nomeação do segundo árbitro, o Presidente do tribunal arbitral não tiver sido designado, o Secretário Executivo da Comissão Económica para a Europa procederá, a pedido de uma das Partes ao diferendo, à sua designação num prazo adicional de dois meses.
4. Se, durante um prazo de dois meses a contar da data de recepção do pedido, uma das Partes no diferendo não proceder à nomeação de um árbitro, a outra Parte pode informar o Secretário Executivo da Comissão Económica para a Europa, que designará o Presidente do tribunal arbitral dentro de um novo prazo de dois meses. Logo após a sua designação, o Presidente de tribunal arbitral pedirá à Parte que não nomeou nenhum árbitro que o faça dentro de um prazo de dois meses. Caso não o faça dentro desse prazo, o Presidente informará o Secretário da Comissão Económica para a Europa, que procederá a essa nomeação dentro de um novo prazo de dois meses.
5. O tribunal arbitral proferirá a sentença em conformidade com o direito internacional e as disposições da presente Convenção.
6. Qualquer tribunal arbitral, constituído para aplicação das disposições do presente anexo estabelecerá as suas normas de procedimento.
7. As decisões do tribunal arbitral, quer sobre os procedimentos, quer sobre a substância, são tomadas por maioria do voto dos seus membros.
8. O tribunal pode tomar todas as medidas adequadas para estabelecer os factos.
9. As Partes no diferendo deverão facilitar a tarefa do tribunal arbitral e, em especial, usando de todos os meios ao seus dispor, deverão:
 - (a) Fornecer-lhe todos os documentos relevantes, facilidades e informações pertinentes, e;
 - (b) Permitir-lhe, caso seja preciso, citar e ouvir testemunhas ou peritos.
10. As Partes e os árbitros deverão proteger o segredo de toda a informação que receberem a título confidencial durante o processo do tribunal arbitral.

11. O tribunal arbitral pode, a pedido de uma das Partes, recomendar medidas de protecção provisórias.

12. Se uma das Partes ao diferendo não se apresentar perante o tribunal arbitral ou não fizer valer os seus direitos, a outra Parte pode pedir ao tribunal para que prossiga o processo e profira a sentença definitiva. A ausência de uma das Partes ou a ausência de defesa dos seus direitos não deverá constituir obstáculo ao desenrolar do processo.

13. O tribunal arbitral pode conhecer e decidir acerca dos pedidos reconventionais directamente ligados ao objecto do diferendo.

14. A menos que o tribunal arbitral decida em contrário, por circunstâncias particulares relativas ao caso, as despesas de tribunal, incluindo a remuneração dos seus membros, são custeadas, em partes iguais, pelas Partes no diferendo. O tribunal manterá um registo de todas as despesas, de que dará conhecimento final às Partes.

15. Qualquer das Partes à Convenção que tiver, no que respeita ao objecto do diferendo, um interesse de ordem jurídica susceptível de ser afectado pela decisão final do caso, pode intervir no processo, com o aval do tribunal.

16. O tribunal arbitral proferirá a sentença no prazo de cinco meses a contar da data em que foi constituído, a menos que decida por bem prolongar esse prazo por um período que não deverá exceder cinco meses.

17. A sentença do tribunal arbitral será acompanhada de uma relação dos motivos. Aquela será definitiva e obrigatória para todas as Partes no diferendo. O tribunal arbitral, comunicará a sentença às Partes no diferendo e ao Secretariado. O Secretariado transmitirá as informações recebidas a todas as Partes à presente Convenção.

18. Qualquer diferendo entre as Partes acerca da interpretação ou da execução da sentença pode ser submetido, por uma das Partes, ao tribunal arbitral que deu a sentença ou, se este último não poder ser consultado, a outro tribunal constituído para esse fim da mesma forma que o primeiro.

PARTICIPANTS

| Participantes | Assinatura | Ratificação, Aceitação (A), Aprovação (AA), Adesão (a) |
|---|-------------|---|
| Albânia | 25 Jun 1998 | |
| Arménia | 25 Jun 1998 | |
| Áustria | 25 Jun 1998 | |
| Azerbaijão | | 23 Mar 2000 a |
| Bielorússia | 16 Dec 1998 | 9 Mar 2000 AA |
| Bélgica | 25 Jun 1998 | |
| Bulgária | 25 Jun 1998 | |
| Croácia | 25 Jun 1998 | |
| Chipre | 25 Jun 1998 | |
| República Checa | 25 Jun 1998 | |
| Dinamarca ² | 25 Jun 1998 | 29 Sep 2000 AA |
| Estónia | 25 Jun 1998 | |
| Comunidade Europeia | 25 Jun 1998 | |
| Finlândia | 25 Jun 1998 | |
| França | 25 Jun 1998 | |
| Geórgia | 25 Jun 1998 | 11 Apr 2000 |
| Alemanha | 21 Dec 1998 | |
| Grécia | 25 Jun 1998 | |
| Hungria | 18 Dec 1998 | |
| Islândia | 25 Jun 1998 | |
| Irlanda | 25 Jun 1998 | |
| Itália | 25 Jun 1998 | |
| Kasaquistão | 25 Jun 1998 | 11 Jan 2001 |
| Letónia | 25 Jun 1998 | |
| Liechtenstein | 25 Jun 1998 | |
| Lituânia | 25 Jun 1998 | |
| Luxemburgo | 25 Jun 1998 | |
| Malta | 18 Dec 1998 | |
| Mónaco | 25 Jun 1998 | |
| Países Baixos | 25 Jun 1998 | |
| Noruega | 25 Jun 1998 | |
| Polónia | 25 Jun 1998 | |
| Portugal | 25 Jun 1998 | |
| Moldávia | 25 Jun 1998 | 9 Aug 1999 |
| Roménia | 25 Jun 1998 | 11 Jul 2000 |
| Eslovénia | 25 Jun 1998 | |
| Espanha | 25 Jun 1998 | |
| Suécia | 25 Jun 1998 | |
| Suíça | 25 Jun 1998 | |
| Macedónia | | 22 Jul 1999 a |
| Turcomenistão | | 25 Jun 1999 a |
| Ucrânia | 25 Jun 1998 | 18 Nov 1999 |
| Reino Unido da Grã Bretanha e da Irlanda do Norte | 25 Jun 1998 | |

